

Apeça Isócrates no quebra-cabeça greco-romano de Foucault

THE ISOCRATES PIECE IN FOUCAULT'S GRECO-ROMAN PUZZLE

*Yolanda Gloria Gamboa Muñoz**

RESUMO

Trata-se de realizar um mapeamento dos usos e omissões de Foucault, como leitor de Isócrates, materializados em aulas e conferências publicadas. Nosso percurso parte de determinados gestos transgressores em relação ao cenário greco-romano, a continuação recolhe os usos foucaultianos de Isócrates e, finalmente, interroga-se sobre seu silêncio em relação à temática isocrática do cuidado de si. Dessa maneira destaca-se um possível aspecto das problemáticas do escolher e do deixar de lado a partir da perspectiva dos próprios percursos e procedimentos foucaultianos.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault, Isócrates, escolha, cenário greco-romano.

ABSTRACT

It involves mapping the uses and omissions of Foucault, as a reader of Isocrates, materialized in published classes and conferences. Our journey begins with certain transgressive gestures in relation to the Greco-Roman scenario, then collects Foucauldian uses of Isocrates and, finally, questions his silence in relation to the isocratic theme of self-care. In this way, a possible aspect of the problems of choosing and leaving aside is highlighted from the perspective of Foucault's own paths and procedures.

KEYWORDS: Foucault, Isocrates, choice, Greco-Roman scenario.

*Professora dos programas de Graduação e Pós-graduação da PUC-SP, doutora em Ética e Filosofia Política pela USP, Pós-doutorados na UNICAMP, Vice coordenadora do Grupo Michel Foucault, Coordenadora do subgrupo: Imagem, imaginação e imagem de si, participante dos Grupos CRIM e Filosofia francesa contemporânea. E-mail: hilacha@uol.com.br

Penso que Teognis tem me ensinado uma coisa. Já que sua vida tinha coincido com a transmutação (*conversionem*) de todas as coisas e opiniões, não podia ser possível que persistisse nas mesmas convicções nas que parecia ter sido educado desde criança. (Nietzsche, *Theognide Megarensi*.)

I Gestos transgressores no cenário grego.

Esse amigo filósofo de Foucault, que foi nosso professor Gérard Lebrun, costumava afirmar “cada um tem sua própria Grécia” (LEBRUN, 1984). Seguindo essa esteira das diversas criações do cenário grego talvez possamos dizer que as pescas foucaultianas na antiguidade formam uma prática que, entre outras características, evita as construções ideais e a “volta às origens”¹. Nesta direção podemos visualizar e escutar Foucault lidando, conjunta e veynianamente, com o bloco greco-romano. Nesse bloco não temos o berço grego e a barbárie romana, muito pelo contrário, a perspectiva greco-romana remonta até o provocador gesto de Nietzsche em “O que agradeço aos antigos” (*Was ich den Alten verdanke*.) do *Crepúsculo dos Ídolos*. Como todos sabemos, nessa ocasião, Nietzsche apaga a voz habitual do cenário filosófico grego e a substitui por textos de história e de combate, onde é o estilo, declaradamente ligado a Salústio, que toma a palavra. Assim, temos o historiador Tucídides como cura a Platão, a energia da oda horaciana e, sobretudo, o romano Salústio como modelo e força de estilo que lhe permitiu *adivinhar-se* a si mesmo:

¹ Lembremos de sua expressão “não há valor exemplar num período que não é o nosso. Não se trata de voltar a um estado anterior” (FOUCAULT, 1984b, p.328) Cada vez que indiquemos a referência do texto em francês ou castelhano a tradução é nossa. Em alemão traduzimos com a ajuda de Susanne Bartsch.

Meu sentido do estilo, da epigrama como estilo despertou-se de maneira quase instantânea ao contato com Salústio. (...) Reconhecer-se-á em mim, inclusive em meu Zaratustra, uma ambição séria de lograr um estilo romano, um *aere perenius* (perenidade mais duradoura que o bronze) no estilo. (NIETZSCHE, 1973, p.129-130).

Trata-se, nesse gesto nietzscheano divergente (*Handlung*²) de uma espécie de estratégia de apagamento da filosofia socrático-platônica e, talvez, da isocrática; pois nesse último caso podemos nos perguntar se nesse predomínio do estilo não se escuta também o eco da voz de Isócrates, o sem voz? Ou, em termos de imagem, não seria possível vislumbrar também a presença da sombra isocrática, que, segundo caracterizações do próprio Nietzsche, seria a de um “prosaísta fanático”, porém com um “estilo elegante e esplendoroso”? Em compensação, esses apagamentos propositais³ fazem irromper uma ênfase no instinto helênico desbordante.

E será também com esse espírito nietzscheano, que emerge contemporaneamente o iceberg da “relatografia” de Paul Veyne explicitando práticas e procedimentos romanos que nos atravessam até hoje na forma de comportamentos e/ou na condução silenciosa de nossas condutas⁴.

No meio ou “entre” essa constelação de gestos transgressores é que Foucault, como sabemos, vai montando um cenário greco-romano a

2 Como temos trabalhado em outras ocasiões (MUÑOZ, 2017, p.217) existe uma atitude não só de distanciamento, mas de divergência, nesse *Handlung*, que não quer agradecer aos “teóricos” gregos, mas ao estilo “romano”, Distância também de seus mestres eruditos que nunca disseram como sentiam os clássicos.

3 Nessa ocasião a Nietzsche não lhe convêm se mostrar como leitor de Isócrates, que também apreciava a história na formação daquele que ele considerava filósofo, que enfatizava a opinião, e que considerava a relação mestre-discípulo como uma atividade.

4 Todo o relato sobre o Império Romano, na *História da Vida Privada* (VEYNE, 1985) pode ser lido como tal.

partir de seus próprios diagnósticos do presente. Nessa construção, feita a partir dos perigos das areias movediças do presente, lida com práticas e procedimentos que remontam até a tragédia grega (e, neste sentido, ao *presente* do século em que ela floresce). Lembremos como, desde o cenário de *Édipo* de Sófocles, busca e destaca diversas peças ou fragmentos que, cuidadosamente, irá encaixando à imagem e semelhança do símbolo grego? (FOUCAULT, 1994c, p.560). Em um certo momento desse seu percurso pelo cenário greco-romano, momento em que predomina o estudo do cuidado de si, da parrésia e da governamentalidade, Foucault dirige-se até o âmbito daquela primeira academia (393 a.de n.e.), anterior à academia platônica, na qual se formavam governantes. Academia que foi comparada com o cavalo de Tróia, de onde nasceram os maiores príncipes, isto é, aqueles que marcaram a política de seu século e da qual se narrava que “muitos iam embora chorando”⁵. Nessa academia Foucault escolhe e recolhe determinados discursos de seu fundador. Como vocês sabem, até pelo título deste artigo, nossa referência é Isócrates (436-338 antes de nossa era). O nome Isócrates é aparentemente esquecido nos manuais e no ensino oficial da filosofia, mas teve ressonâncias pouco estudadas em Leopardi e Nietzsche, por exemplo. No entanto, esclareço de partida que não foi nessa relação Isócrates/Nietzsche⁶, na qual se deteve Michel Foucault.

5 Conforme expressão de Cícero recolhida por Nietzsche (2000, p.191).

6 Relação que, nas minhas últimas pesquisas, tenho percorrido com entusiasmo. (MUÑOZ, 2019)

II A construção da peça Isócrates nos cursos e conferências de Foucault.

Segundo nossa leitura Foucault escolhe e degusta, principalmente nos anos 80, só determinados fragmentos dos discursos isocráticos. Por isso, limitar-me-ei, a continuação, ao esboço de aspectos isocráticos efetivamente recolhidos nos cursos e conferências do Foucault dessa época.

No entanto, é preciso destacar que existem antecedentes textuais que direcionam essa pesca foucaultiana. Assim, por exemplo, em 1925, George Mathieu (tradutor e comentador de Isócrates na edição bilingue de *Les Belles Lettres*), no seu livro *Les Idées Politiques d'Isocrate*, sustenta:

Isócrates não está isolado entre os pensadores do Século IV (...) longe de ser um vago sonhador ele tem seu lugar na evolução do pensamento político de seu tempo (MATHIEU, 1925, p.188)

De início, ao descrevê-lo como logógrafo, professor de retórica e autor de discursos epidícticos, salientará que Isócrates nunca reconheceu alguma superioridade em Platão. Segundo Mathieu, Isócrates tinha uma “ambição e consciência talvez exagerada de seu valor” que o levava a dar sua opinião sobre os problemas mais importantes da política internacional, dedicando-lhes perto de cinquenta anos (MATHIEU, 1925, p.1-2). Resumindo essa “política internacional” podemos dizer que se trata do elogio da hegemonia de Atenas sobre outras regiões de Grécia e de um salientar a luta comum contra os bárbaros, para evitar as guerras intestinas entre gregos. Nesse contexto e descrição valorativa de Isócrates, Mathieu destacará a “liberdade de linguagem da democracia ateniense”, traduzindo assim,

como liberdade da linguagem a palavra *parrésia*, que em 356 Isócrates descreve em *A Paz (Sur la Paix)* 13-14”. (ISÓCRATES, 2003d, p.29)

A ênfase nesse último aspecto nos parece ser o ponto de contato que levará Michel Foucault, no curso de 1982-1983, “*Le gouvernement de soi et des autres*” a introduzir referências explícitas a Isócrates em relação, precisamente, com a problemática da *parrésia* em democracia, descrevendo e mapeando o contexto ateniense, sua necessidade e seus perigos até no risco de ser impotente (FOUCAULT, 2008, p.177). Citando precisamente os mesmos fragmentos que Mathieu in: *Sur la paix* (FOUCAULT, 2008, p.113) lembrará os sentimentos desiguais que Platão e Isócrates (*República* 557b e *Sur la paix* 14) tinham sobre a democracia, enfatizando que, para Isócrates, poderia haver *parrésia*, benéfica para todos, na democracia.

Foucault refere-se também à *Sur la paix*, na ocasião que Isócrates direciona seu discurso (como possibilidade de declamação, já que ele somente os escreve) à assembleia, para reparar que a assembleia não escuta de forma igual os oradores e deixa falar somente aos que estão de acordo com seus desejos. A partir das considerações isocráticas Foucault repara que os atenienses em assembleia não aceitam a crítica política direta; *parrésia* e democracia não fazem uma boa mistura (*ménage*)⁷ se o discurso demagógico está presente (FOUCAULT, 2008, p.165). Em todo caso, Foucault caracteriza a cena do discurso isocrático sobre a paz como um

7 Neste aspecto da boa ou má mistura teríamos que considerar que esse problema é constantemente recolhido pelo avaliador Foucault; como corresponde a um alquimista rebelde que experimenta novas relações, como temos desenvolvido em outras ocasiões (MUÑOZ, 2017, pp.209-222)

Manifesto que lembra a importância da boa decisão. Neste sentido o desenvolvimento realizado por Foucault, procurando os fundamentos filosóficos do dizer verdadeiro, não seria inocente e provém, principalmente, de sua leitura de Isócrates (FOUCAULT, 2008, p.200). Posteriormente (no curso de *Le courage de la vérité. Le gouvernement de soi et les autres II*) dirá que, de Platão a Demóstenes, passando por Isócrates, desenvolve-se a desconfiança a respeito da parrésia (FOUCAULT, 2009, p.35).

Nos anos 81 e 82 nas aulas da *Hermenêutica do sujeito* menciona Isócrates rapidamente, e entre outros pensadores, ao tratar da *epistemê praktikê*. Isócrates teria se referido à *askêsis* filosófica (no *Busiris*), porém, Foucault esclarece seu procedimento; ele não pretende fazer a “longa história das relações entre *mathêsis/askêsis*” (FOUCAULT, 2001, p.302). Poderíamos nos perguntar se, mesmo que não de forma nominal, Isócrates não está presente na ligação foucaultiana da parresia com a escolha e decisão relativas à atitude de quem fala e, especialmente, entre os desenvolvimentos dos adversários, não é possível escutar um eco isocrático na explicitação do livre-falar do mestre? Sobre essa última interrogação é preciso lembrar que, segundo o desenvolvimento desse curso ministrado por Foucault, o franco-falar do mestre é necessário para “transmitir o discurso verdadeiro a quem dele precisa para a constituição de si mesmo como sujeito de soberania sobre si mesmo e sujeito de veridicção de si para si” (FOUCAULT, 2004, pp.450-451). Posteriormente Foucault assinala que a *parrésia* do mestre teria dois adversários: moral (elogio, lisonja) e técnico (retórica em determinados aspectos). Digamos simplesmente, e mantendo

a interrogação como tal, que uma possível relação não mencionada com o *Contra-sofistas*⁸ de Isócrates, nesse ponto, é gritante...

Mais detidamente, nas conferências do ano 1982 (Toronto e Grenoble “*Dire vrai sur soi-même*” e “*La parrêsia*” respectivamente) Foucault explicita suas referências a Isócrates. Utiliza o discurso à *Nicocles*, por exemplo, em relação ao uso da parresia no pensamento político ligada ao exercício do poder pessoal e a uma estrutura *inégalitaire*, como liberdade concedida pelo soberano, ou pelo rico ou poderoso. Período em que, esclarece, a monarquia, a autocracia e o principado se tornam um fato político. (FOUCAULT, 2016, p.33).

Em relação ao parresiasta trabalha essa “tipologia” ligada aos perigos e à coragem (FOUCAULT, 2016, p.83) citando, desta vez detidamente, o discurso sobre *a Paz* de Isócrates e a distinção isocrática dos atenienses em relação aos assuntos privados, em que escutam os conselhos dos razoáveis, inteligentes e capazes de dizer a verdade. Porém, em relação aos assuntos públicos, os atenienses fazem exatamente o contrário, recolhendo conselhos de bêbados *ivrogne* (FOUCAULT, 2016, p.182); escutam os maus oradores e não querem escutar os bons, que assim não tem possibilidade de falar, nem direito à palavra. Não se trata, repara Foucault lendo Isócrates, do bom ou do mau conselho, mas dos maus oradores que só dizem o que o povo quer escutar: trata-se dos bajuladores (*flatteurs*). O bom orador tem a capacidade e a coragem de se opor aos desejos do *dêmos*. Foucault ressalta o papel crítico e pedagógico dos bons oradores em

8 Confirmam-se os 22 pontos do manifesto da academia isocrática conhecido sob a denominação de *Contra-sofistas*. (ISÓCRATES, 2003a, pp.143-150)

vistas ao interesse da cidade. A conclusão isocrática seria que, na Atenas de sua época, os parresiastas só seriam os autores de comédias e dramas. (FOUCAULT, 2016, p.183).

Na leitura do *Aeropagítico* Foucault destaca o elogio isocrático à antiga constituição ateniense (em termos de democracia, liberdade e igualdade diante da lei e felicidade da cidade e seu povo), manifestando como, para Isócrates, esses aspectos das antigas instituições atenienses teriam sido pervertidos na sua época. O interesse de Foucault é ressaltar que Isócrates avalia positivamente a democracia constitucional, mas que a parresia às vezes é boa e às vezes má. (FOUCAULT, 2016, p. 185)

Já nos seminários de Toronto (*Dire vrai sur soi-même*) ressalta a crítica isocrática à democracia ateniense, introduzindo uma caracterização que nos parece importante para assinalar, pontualmente, uma determinada escolha foucaultiana que retomaremos posteriormente. Ele diz, textualmente, que Isócrates seria um “fervente monarquista” (FOUCAULT, 2017, p. 232). Destaca, nesse sentido, que Isócrates faz uma avaliação positiva da parresia na monarquia. Em o discurso à *Nicocles* Isócrates falaria da *paidéia* do jovem príncipe, sem amigos parresiastas e destacando como um monarca precisa desses conselheiros, capazes de lhe dizer a verdade. (FOUCAULT, 2017, p. 234). Reparemos, no entanto, que nesse discurso *À Nicocles*, 43, diante da carência de amigos do jovem príncipe, Isócrates acrescentará algo que Foucault deixa de lado: o jovem príncipe, sem a possibilidade de ter amigos parresiastas, pode se guiar pelos poetas: Hesíodo, Teognis ou Focílides (Phocylide)⁹.

⁹ A nota de Mathieu lembra que se trata da literatura gnômica (pensamentos) utilizada para

Em todo caso Foucault termina essa conferência aproximando cuidado de si e racionalidade política por intermédio do *gouvernement* (governo de si mesmo, governo dos outros, governar a conduta de outros, governar o mundo, governar a humanidade como um domínio contínuo). (FOUCAULT, 2017, p.238) Destaca que ao governo por meio da constituição (referem-se Platão e Aristóteles), mas o que lhe interessa em sua pesquisa é o *gouvernement des gens*:

O problema da governamentalidade concerne à racionalidade geral das decisões, a racionalidade geral das escolhas (*choix*), os objetivos, os meios que se utiliza: é o problema da racionalidade das condutas das gentes que nos governam, que governam outras pessoas. (FOUCAULT, 2017, p.238)

III Um silêncio foucaultiano que pode murmurar.

Partindo desse contexto da leitura que Foucault fez de Isócrates refiro-me a seguir ao que escolho denominar um silêncio. Sim, porque nesses cursos e conferências dos anos 80 Foucault vai silenciar aquilo que percorre tematicamente muitos textos de Isócrates, isto é, a ligação entre o cuidado de si mesmo (ser senhor de si) com o cuidado dos outros, na forma daquela que se tornou a famosa e repetida afirmação foucaultiana, talvez a partir das próprias composições do cenário greco-romano: “não pode governar aos outros quem não se governa a si mesmo”. Temática que encontramos em Isócrates desde o *Contra-sofistas* (a *epimeleia* na relação mestre-discípulo, 13); no *À Nicocles* (citado por Foucault, como já dissemos, só em outros aspectos); também presente no *Aeropagítico* 13, o ensino moral. (ISÓCRATES, 2003c, p. 109).

ao enfatizar a relação entre êxito prático e sábia administração da cidade (ISÓCRATES, 2003e, p.66) e, outrossim e principalmente, no *Panatenaico*, na descrição tipológica do homem bem formado, isto é, do *pepai-deumenos* (30-32) que precede o elogio isocrático a Atenas (ISÓCRATES, 2003g, p.95).

Como tenho insistido e escrito em outras oportunidades, respeito aos silêncios de Foucault, não podemos exigir dele dizer o que não disse (por exemplo, falar do neoliberalismo no Chile, analisar Antígona, declarar-se a favor das sendas feministas da atualidade). Todavia, neste ponto específico de sua “pesca na antiguidade” trata-se de uma *decisão* ou *escolha ético-política* da peça adequada para dar vida ao quebra-cabeças do cuidado de si. Nesse sentido a referência do “cuidado e comando de si necessário para comandar os outros” em Foucault será trabalhada em especial, e como sabemos, por intermédio do personagem Sócrates de Platão, ao citar *o Alcibiades*, por exemplo, ou no curso “*Le gouvernement de soi et des autres*” na *Apologia* e no *Fedro* em relação à *parrésia*.

Lembremos que, nesse aspecto do comando de si e dos outros, Isócrates será uma peça anterior a Platão, mas que é deixada de lado como análise histórica e genealógica. No entanto, existe uma entrevista em inglês, em que, pontualmente, Foucault rompe esse silêncio ao usar Isócrates como *exemplo*, para explicitar o modo de sujeição na relação a si dos gregos:

Eis um exemplo. Encontra-se em Isócrates um discurso muito interessante. Nicocles era soberano em Chipre. Ele explica por que ele tem sido sempre fiel a sua mulher: ‘porque eu sou rei e porque eu sou alguém que comanda aos outros, que governa aos outros, eu devo mostrar que eu sou capaz de me governar

a mim mesmo'. É claro que essa lei da fidelidade não tem nada a ver com a fórmula universal dos estoicos; eu devo ser fiel à minha mulher porque eu sou um ser humano e racional. Vê-se pois que a maneira que a mesma lei é aceita por Nicocles e por um estoico é muito diferente. É isto que eu denomino modo de assujeitamento (*mode de assujettissement*), o segundo aspecto da moral. (FOUCAULT, 1984b, p. 334)

Podemos então, a partir dessa materialidade discursiva, dizer que Foucault conhecia a relação isocrática governo de si e governo dos outros. Por isso, tentaremos a seguir deixar murmurar arbitrariedade e desordenadamente esse apagamento discursivo.

Em primeiro lugar irrompe uma pergunta impertinente: Isócrates não constitui uma referência foucaultiana do cuidado de si e dos outros por ser considerado um *monarquista fervoroso*? Sim, porque também é possível relacionar essa *decisão* de afastamento com a constante presença de seu amigo Veyne nas incursões e /ou andanças foucaultianas pelo bloco greco-romano. Lembremos que Paul Veyne fez questão, constantemente, de mencionar que Isócrates era um “conformista”, um “conservador”. A leitura veyniana de Isócrates ressalta, por exemplo, o perigo das relações que se cristalizam e que assimilamos como evidentes; neste caso a “ligação perigosa” entre moral e religião no cidadão que teria sido inventada/enfatizada precisamente por Isócrates:

O conformista Isócrates pensava o mesmo [que Critias] ‘os que fazem aparecer os favores dos deuses e suas punições maiores do que elas são, em realidade renderam um grande serviço à vida social’ segundo *Busiris*,24. (VEYNE, 2005, pp.481-482)¹⁰

10 Em nota Veyne esclarece que aqueles que fazem acreditar nisso são sem dúvida os autores do mito órfico ou das iniciações dionisíacas. (VEYNE, 2005, p.482, n.220).

Efetivamente, em *Sur l'Échange*, 282, Isócrates afirma que a superioridade no presente e no porvir é dada pelos deuses aos mais piedosos e aos que lhes rendem culto (ISÓCRATES, 2003f, p.171). Há também um outro aspecto que, segundo nosso diagnóstico, pesaria nesta somatória que opta pela omissão, presente nas relações isocráticas com o cuidado de si mesmo; refere-se à ausência de amigos parresiastas mencionando, entre outros gnômicos, e como mestre-conselheiro do governante, ao poeta Teognis.

Porém, se escutamos a própria materialidade discursiva foucaultiana, constatamos que existe uma outra camada operando nessa decisão: Platão, e não Isócrates, possui *ambiguidade* para Foucault....Ambiguidade que ele caracterizava em seus primeiros escritos precisamente como “a existência de um certo número de pontos de escolha (*choix*)” (FOUCAULT, 2023, p.193). Lembremos, neste terreno da escolha, da distinção foucaultiana que desde 1969¹¹ distinguia dois usos *tipológicos* de Platão:

Um Platão sábio, um pouco pretencioso, excessivo (*rengorgé*), que caça os grosseiros simulacros, dissipa as más imagens, afasta a aparência e invoca o modelo único de uma ideia do Bem que ela mesma é boa. O outro uso de Platão é de um Platão outro, quase em pânico, que não sabe mais, na sombra, distinguir Sócrates do sofista zombeteiro (*ricanant*) (FOUCAULT, 1994 a, p.768.)

Em todo caso é de sofistas e de discursos curadores e persuasores da alma que aqui também se trata. De discursos que não somente dizem, mas fazem, modificando a disposição do ouvinte. Isócrates teria frequentado Sócrates, foi formado por *Gorgias* e no Manifesto *Contra-Sofistas*, teria considerado o próprio Platão (sem nomeá-lo) um sofista, localizan-
11 Sabemos que entre os jogos discursivos de Foucault (neste caso como “leitor de Deleuze”) existe aquele do ano 1969 - *Ariane s'est pendue*.

do-o entre aqueles que sofisticam a verdade ou como um erístico, segundo demos ouvido a determinadas interpretações. De fato, isto é, na materialidade discursiva de seus cursos, Foucault preferiu deixar como mestre do cuidado de si o personagem Sócrates, que fala no lugar de Platão; um Sócrates, lembremos, que pode ser confundido com um sofista ou atrás de cuja máscara ressoa o riso do sofista (FOUCAULT, 1994a, p. 768). Essa escolha de *tipologias ambíguas*, mascaradas, talvez reafirmariam, em outra camada discursiva, como o *theatrum philosophicum* está presente e dobrado na configuração de seu *theatrum politicum*. Esse aspecto relacional tem sido pertinentemente destacado por Arianna Sforzini em “Dramatizar a escrita. O *theatrum politicum* de Michel Foucault:

A meu ver, a teatralidade se torna, para Foucault, um instrumento potente para pensar uma análise crítica eficaz e interna ao plano do discurso e das relações de poder sobre as quais opera. A cena é o duplo imanente da realidade, que precisamente em seu ser “simulacro”, idêntico e outro ao mesmo tempo, pode tornar-se o lugar de interrogação e de aposta política. (SFORZINI, 2018, p.240)

Outrossim, mesmo considerando o cenário que abriga a relação filosofia-teatro, continuamos lidando com uma *escolha* no cenário filosófico-político-teatral, que, no caso mencionado, omite a análise dos conselhos do “mestre da eloquência” Sócrates ligados ao governo de si e dos outros. De maneira que, ao circular dinâmica e discursivamente pelo esboço aqui realizado, podemos repetir de forma assumidamente teatral: talvez Foucault não quisesse usar no seu *theatrum* filosófico-político a peça-chave isocrática, porque não tivesse intenção de encenar ao lado, segundo aquela surpreendente caracterização negativa já referida, de um “monarquista fervoroso”. Talvez o diagnóstico do presente que guiava sua

pesca nos gregos não lhe permitia relacionar a ênfase do cuidado de si com a peça tipológica do “homem bem formado” (*pepaudeimēnos*) caracterizado por Isócrates, como ligação entre os âmbitos público-privado, ou, na própria linguagem do *Panatenaico* (30,31,32), que relacionava o comportamento tipológico do *pepaudeimēnos* no âmbito cotidiano e prático, usando da serenidade no entorno familiar, sendo caracterizados como senhores de seus prazeres, se comportando com uma atitude digna de sua natureza (*fisis*) e, finalmente, sendo ponderados (*fronesis*), não se deixando levar por êxitos que não dependiam da sabedoria. (ISÓCRATES, 2003f, p.95). Caracterização tipológica em que talvez ressoasse o elogio ao aristocratis- mo de um Teognis, como mestre de governantes, elogio que seria retomado no século XIX por Burckhard e que, segundo determinados estudiosos dessa temática, atravessaria os escritos de Nietzsche, apesar da omissão das leituras contemporâneas (CRISTI, 2018, pp.11,38,43,62) entre as que teríamos que incluir a foucaultiana. De maneira que um outro fragmento a ser recolocado nesse quebra-cabeça da invenção da antiguidade greco-romana seria o próprio texto do jovem Nietzsche sobre Teognis. Refiro-me ao *Theognide Megarensi*, dimensão impossível de analisar nesta ocasião, mas que poderia estar operando como uma dobra e cenário de fundo de nossa própria leitura (NIETZSCHE, 2018, pp.70-183).

Esboçemos ao respeito simplesmente e como interrogação: Foucault não quis aparecer discursivamente em cena entre “monarquistas” e “aristocratas” (Teognis, Isócrates, Burckhardt¹² e/ou recolhendo o aspecto

12 Há, no entanto, referências ao historiador Burckhardt em outros aspectos, por exemplo, em relação ao Renascimento e a estética da existência. (FOUCAULT, 1984a p.68)

aristocrático de Nietzsche)? Sem responder, podemos repetir que, discursiva e materialmente a relação governo de si e governo dos outros em Isócrates é efetivamente uma peça-chave que, no entanto, não faz parte do quebra-cabeça foucaultiano da antiguidade. Neste aspecto a peça afastada permite desenhar, como seu duplo, a outra face da escolha: o deixar de lado, o deixar cair.

Sabemos que a palavra escolha, ligada ou não à caracterização da ambiguidade como possibilidades de escolha, aparece nos primeiros e nos últimos escritos de Foucault, porém foi apagada em relação ao presente como uma tarefa numa determinada entrevista em inglês: “A escolha ético-política que temos que fazer a cada dia é determinar qual é o perigo principal” (FOUCAULT, 1984a, p.44)¹³, evitando talvez possíveis ressonâncias sartrianas? Em todo caso, no começo dessa entrevista Foucault tinha falado de escolha estética na moral antiga e, nesse caso, não houve apagamentos:

O objetivo principal, o alvo (*cible*) essencial procurado por essa moral era de ordem estético. Primeiro, esse gênero de moral era somente um problema de escolha pessoal (*choix personnel*). Em seguida ela era reservada a um pequeno número de gente; não se tratava então de prover um modelo de comportamento para todo o mundo. Era uma escolha pessoal que concernia a uma pequena elite. A razão para se fazer essa escolha era a vontade de ter uma bela vida e deixar aos outros a lembrança de uma bela existência. (FOUCAULT, 1984b, p. 323)

Todavia, mesmo considerando que há versões diferentes dessa entrevista em inglês, respeito à tarefa de escolha no presente, podemos

13 A versão recolhida pela tradução no *Dossier. Últimas entrevistas*, Taurus (FOUCAULT, 1984a, p.44.) foi completamente alterada e apagada na tradução francesa da Gallimard (FOUCAULT, 1984b, p.325)

dizer que a problemática da escolha continuou operando nos diferentes diagnósticos do presente. Nesse sentido e à medida que o diagnóstico foucaultiano está ligado a Nietzsche (FOUCAULT, 2023, pp. 13,16, 209, 253,) é necessário lembrar que, para Nietzsche, a escolha e o deixar de lado é instintivo, olfativo (NIETZSCHE, 1977, pp.43-44) e, sobretudo, se diferencia da procura pela *ciência do distinguir* em Platão. Lembremos que, no mito de Er, narrado na República X, na escolha entre vidas honestas, más e misturadas, deve-se saber quem “lhe dará a possibilidade e a ciência de distinguir” tendo em vista a natureza da alma e qual vida levaria a alma a ser mais justa (618c-e). Como temos desenvolvido em outras oportunidades, o diagnóstico como distinguir e escolher é comandado, nesse caso, pelo domínio da alma racional do filósofo (MUÑOZ, 2023, p.7-9). No entanto, a pesca foucaultiana de Sócrates escolhia ressaltar, como constatamos no ítem II, a importância da *boa decisão* no discurso isocrático sobre *A Paz*. Aspecto que, propositalmente ou não, carrega uma das principais diferenças entre Sócrates e Platão: a valorização isocrática da opinião e não da *episteme*. Por outra parte, Foucault fechava a conferência *Dire vrai sur soi-même*, como já referimos, com a problemática geral da governamentalidade caracterizando-a em relação à racionalidade geral das decisões ou à racionalidade geral das escolhas (*choix*).

De maneira que, sem concluir dogmaticamente sobre um silêncio e/ou apagamento falante, simplesmente constatamos que, ao trazer à cena o desenvolvimento da temática escolher/deixar de lado, fomos direcionados a ampliar a sombra do quebra-cabeça de Foucault como leitor de

Isócrates; instrumentação foucaultiana comandada pelo diagnóstico instintivo do presente, que, ao deixar de lado uma peça-chave isocrática configurou, talvez e na forma de um apagamento proposital (*effacement*), uma atitude de resistência instintiva diante de um cenário greco-romano em jogo de reconstrução no seu presente. Nesse sentido, podemos finalizar nos perguntando se Foucault, considerado tipologicamente como “princípio seletivo” (NIETZSCHE, 1977, p.43), retomaria, transformaria e transfiguraria o próprio gesto (*Handlung*) de agradecimento impertinente de Nietzsche aos antigos (*Was ich den Alten verdanke.*)?

Referências Bibliográficas

CRISTI, Renato, Nietzsche y el aristocratismo de Teognis, seguido de Edición crítica bilingüe del De Theognide Megarensi de Nietzsche, trad. Oscar Velásquez, Santiago, LOM, 2018. pp. 11-62.

FOUCAULT, Michel Dossier. Últimas entrevistas, org. Carlos Henrique de Escobar. Trad. Ana Maria de A. Lima e Maria da Gloria R. da Silva. Rio de Janeiro, Taurus, 1984a.

FOUCAULT, Michel «A propos de la généalogie de la ethique: un aperçu du travail en cours » in : Michel Foucault (avec H.Dreyfus et P. Rabinow, Berkeley avril 1983). In: Dreyfus,H. & Rabinow, P. Michel

Foucault: Un parcours philosophique. traduit de l'anglais par Fabienne Durand-Bogaert. Paris, Gallimard, 1984b. pp.322-346.

FOUCAULT, M. Dits et écrits. vol. I, II, III, IV. Paris, Gallimard, 1994.

FOUCAULT, Michel "Ariane s'est pendue". En Dits et écrits I, Gallimard, Paris, 1994a, pp.767-771.

FOUCAULT, Michel. *Theatrum philosophicum* in: Dits et Écrits. II, Paris, Gallimard, 1994b, p.75- 99.

FOUCAULT, Michel « La vérité et les formes juridiques » in: Dits et Écrits. II, Paris, Gallimard, 1994c, pp. 538-646.

FOUCAULT, Michel *L'Herméneutique du sujet*. Curso de 1981-1982. Paris, Gallimard, Seuil, 2001/ *A Hermenêutica do Sujeito*, trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail, São Paulo, Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Le gouvernement de soi et des autres*. Curso de 1982-1983, Paris, Gallimard, Seuil, 2008.

FOUCAULT, Michel *Le courage de la vérité. Le gouvernement de soi et des autres II*, Paris, Gallimard, Seuil, 2009,

FOUCAULT, Michel Discours et vérité, précédé de La parrêsia, Clermont-Ferrant, Vrin, 2016.

FOUCAULT, Michel Dire vrai sur soi-même. Conférences à l'Université Victoria de Toronto 1982, Clermont-Ferrant, Vrin, 2017.

FOUCAULT, Michel Le Discours Philosophique, Qu'est-ce que la philosophie ? Paris, Gallimard/Seuil, 2023.

ISOCRATE, Discours, Tome I-IV, trad. Georges Mathieu, Paris, Les Belles Lettres, 2003.

ISOCRATE Contre les sophistes. in: Discours, Tome I, pp. 136-150, trad. Georges Mathieu, Paris, Les Belles Lettres, 2003a.

ISOCRATE Busiris, in: Discours, Tome I, pp.181-200, trad. Georges Mathieu, Paris, Les Belles Lettres, 2003b.

ISOCRATE, À Nicoclès in: Discours, Tome II, pp.90-111, trad. Georges Mathieu, Paris, Les Belles Lettres, 2003c.

ISOCRATE Sur la paix, in: Discours, Tome III, pp. 2-51, trad. Georges Mathieu, Paris, Les Belles Lettres, 2003d.

ISOCRATE Aréopagitique, in: Discours, Tome III, pp.54-84, trad. Georges Mathieu, Paris, Les Belles Lettres, 2003e.

ISOCRATE Sur l'échange, in: Discours, Tome III, pp.87-181, trad. Georges Mathieu, Paris, Les Belles Lettres, 2003f.

ISOCRATE Panathenaïque. in: Discours, tome IV, p. 62-159, trad. Emile Brémond, Paris, Les Belles Lettres, 2003g.

LEBRUN, Gérard. "Para acabar com a cidade grega", O Estado de São Paulo, Caderno de Programas e Leituras, 26/05/1984.

MATHIEU, Georges. Les idées politiques d'Isocrate, Paris, Les Belles Lettres, 1925.

NIETZSCHE, F. Obras incompletas. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 3a ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

NIETZSCHE, F. Ecce Homo. Frankfurt: Insel Verlag, 1977/ Ecce Homo, Trad.

Andrés Sánchez Pascual, Madrid: Alianza Editorial, 1998.

NIETZSCHE, F. Crepúsculo de los ídolos. Trad. de Andrés Sánchez Pascual. Madrid, Alianza, 1973/ Götzen-Dämmerung., Stuttgart, Insel Verlag, 1985.

NIETZSCHE, Friedrich. Edición crítica bilingüe del De Theognide Megarensi de Nietzsche, trad. Oscar Velásquez, in: Nietzsche e o aristocratismo de Teognis, Santiago, LOM, 2018, pp. 71-183.

NIETZSCHE, Friedrich. Escritos sobre Retórica, trad. Luis Enrique de Santiago Guervós, Editorial Trotta, Madrid, 2000.

MUÑOZ, Yolanda Gloria Gamboa, Foucault: um alquimista rebelde? in: Michel Foucault e as insurreições: É inútil revoltar-se? Org. Margareth Rago e Silvio Gallo, São Paulo, Intermeios, 2017. pp. 209-222.

MUÑOZ, Yolanda Gloria Gamboa Isócrates e Nietzsche: uma relação perigosa? São Paulo, Paulus, 2019.

MUÑOZ, Yolanda Gloria Gamboa Nietzsche nas mãos de Klosowski. Revista de Filosofia Aurora, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 35, e202329237, 2023.

PLATÃO. A República. Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. 4a ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

SFORZINI, Arianna: “Dramatizar a escrita. O theatrum politicum de Michel Foucault”, in: O pensamento político de Michel Foucault. Intermeios, 2018. Pgs.233-249.

VEYNE, Paul “L’Empire romain”, in *Histoire de la vie privée*. Paris, Éd. du Seuil, 1985.

VEYNE, Paul. *L’Empire Gréco-romain*, Paris, Éd. du Seuil, 2005.